
Fotografias pioneiras, representações estereotipadas: um resgate do imaginário social da Amazônia brasileira do século XIX nas imagens de Christoph Albert Frisch¹

Beatriz Silva GOES²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente artigo trata do imaginário amazônico no século 19 através da análise das primeiras imagens feitas *in loco* da Amazônia brasileira, tiradas por Christoph Albert Frisch durante expedição pelo rio Negro, rio Amazonas e Solimões, em 1867 e 1868. Para isso, foi realizada uma análise iconográfica e interpretação iconológica das imagens tendo como base a metodologia de Kossoy (2002). Mostramos que as fotografias de C.A.Frisch acionam ao imaginário o ‘outro exótico’ e a ‘natureza exuberante’. Por fim, concluímos que o desafio da compreensão de um imaginário midiático da Amazônia passa pela necessidade de entendimento das complexidades do seu processo histórico e dos interesses políticos e econômicos que perpassaram o discurso colonialista dominante acerca da região na busca de sua instrumentalização para exercício do poder.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Imaginário; Fotografia; Amazônia brasileira

Introdução

O presente artigo trata do imaginário social da Amazônia brasileira no século XIX através da análise das primeiras imagens feitas dessa região que tiveram grande exposição à uma vasta audiência, já que estiveram presentes na Exposição Internacional de Paris de 1867 (VASQUEZ, 2000): as fotografias do alemão Christoph Albert Frisch durante expedição pelo rio Negro, rio Amazonas e Solimões, em 1867 e 1868. As fotografias de Frisch também foram as pioneiras no sentido de terem sido tiradas *in loco*, em especial, no que diz respeito aos indígenas, uma vez que antes de Christoph os indígenas dessa região eram levados à Europa para serem fotografados e, não ao contrário, como fez o alemão. Nesse sentido, buscamos resgatar nas fotografias de Christoph Albert Frisch os imaginários midiáticos da Amazônia não deixando de considerar as complexidades do processo histórico da região e os interesses políticos e econômicos que perpassaram o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Fotografia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 29 a 31 de agosto e de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ. Mestre em Ciências da Comunicação pelo PGCCOM-UFAM. E-mail: beatrizgoes@ufrj.br.

discurso colonialista dominante acerca dessa área na busca de sua instrumentalização (BECKER, 2013) para exercício do poder.

Nesse contexto, apresentamos neste artigo uma reflexão sobre o imaginário amazônico, entendendo que as representações em torno da região apresentam um papel importante na compreensão dos sentidos que foram atribuídos a ela, suscitados através de distintas narrativas construídas em diferentes contextos e momentos históricos – entre elas os relatos imagéticos da fotografia – que propagaram impressões acerca da Amazônia alimentando o imaginário social desde o processo da chegada das primeiras expedições no “descobrimento” do Brasil até os dias atuais. . Nos diz Hall, que “nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – [...]as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas [...], enfim, os valores nela embutidos” (2016, p.189).

Foram escolhidas as imagens de Christoph Albert Frisch para análise por causa da importância da própria fotografia enquanto meio de comunicação de sucesso no século XIX³, além de devido à extensa circulação que essas figuras tiveram: foram comercializadas pela casa Leuzinger no catálogo “*Resultat d’une expédition photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*” e expostas ao grande público na Exposição Internacional de Paris em 1867. Sousa afirma que os contributos dos fotodocumentaristas para o desenvolvimento do jornalismo foi descobrir que as imagens possuíam poder de persuasão, a partir daí a usaram para “documentar os espaços, as condições de vida e de trabalho e a cultura e práticas quotidianas de grupos marginais [...]A vontade de registo misturou-se, assim, com a opinião e a vontade de intervenção” (SOUSA, 2008, p.125).

Vale ressaltar que este artigo se justifica no sentido de entendermos ser importante identificar sobre como o conceito de Amazônia está sendo reproduzido e reorganizado nas diversas narrativas imagéticas sobre a região, que representam alguns imaginários. Destaca Silva (2012) que as tecnologias da comunicação estimulam a criação de imaginários ao ponto que atuam na formação de concepções, na cristalização ideias, na circulação de juízo de valores coletivos.

No caso do imaginário nas fotografias de Frisch, está refletido o primeiro olhar de alguém de fora que veio *in loco* registrar, em imagens, a região. São registros que

³ Para mais informações, ver Kossoy, Boris. “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. Ref. completa na bibliografia.

apresentam um conjunto de características da Amazônia que instigam a constituição de imagens representativas da região até hoje; traços destacados, há mais de 150 anos, que estão no cerne do “descobrimento pela fotografia”, deste lugar.

Amazônia no século 19: território de conflitos

A Amazônia, campo de interesse do imaginário desde o tempo das explorações náuticas, se concentra como uma das fontes de maior prazer e espanto (BATES, 1944) entre os que a visitam ou estudam desde o seu descobrimento. O fascínio não é à toa, uma vez que a combinação entre a maior floresta tropical da Terra, a maior bacia hidrográfica do mundo e tendo em seu ventre o maior rio do planeta em volume de água (CASTRO, 2008), compondo-se ainda com uma região inexplorada em sua totalidade, cheia de biodiversidade, pontuada por diversos grupos humanos não-contactados, que vivem da mesma maneira há milhares de anos, com suas próprias línguas, mitos e histórias.

Convém destacar, que partimos da noção de Amazônia como construção imagética histórica permeada por conflitos (BENCHIMOL, 2009). Em “A Invenção da Amazônia” (GONDIM, 2007) vemos que a Amazônia é derivada de uma construção conflituosa constante: de moradores originários da região, que criam e recriam sua própria noção de Amazônia fora do conhecimento ocidental, assim como os primeiros exploradores a verem a região como grande fonte de exploração financeira. A Amazônia é, portanto, inventada a cada morador que nela a chega, e os ecossistemas comunicacionais presentes nela nos dão uma dica da leitura e interpretação de mundo por meio dos seus próprios comunicadores e teóricos. Lopes afirma que (2018, p.27), a Amazônia “vem sendo criada e recriada num sistemático ciclo vicioso e viciado. Perpassando por diferentes configurações, dependendo do contexto histórico e dos interesses dominantes, que ora a caracterizam como um paraíso [...] ora como um inferno”.

Vale dizer que a região amazônica ganhou destaque no século 19 devido à *belle époque* manauense. Manaus, capital do Estado do Amazonas, ficou conhecida como a cidade berço da borracha, das riquezas desmedidas, do Teatro Amazonas. É a partir dos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do século XX que a cidade passaria a sofrer o primeiro grande surto de mudanças desde o princípio de sua existência: a urbanização. Esta, ação derivada da bem-sucedida economia extrativista-exportadora de látex e de outros importantes fatores – a abertura dos portos, o aumento da imigração, a administração do Presidente da Província do Amazonas, Eduardo Ribeiro (1892-1896)

-, que acabaram por aumentar a receita do Estado. “A idéia era que Manaus, a Paris dos Trópicos, iria desabrochar, naquele verde selvático. O novo Eldorado, descoberto pela borracha, era buscado através desses escritores, dessas revistas, desses viajantes do passado” (COSTA, 2000, p.1).

Sem dúvida, a comercialização da goma elástica foi a principal fonte de riqueza, possibilitando mudanças radicais em muitos segmentos da sociedade amazônica (MESQUITA, 1999, p.123). A borracha, com extração vinda do látex, foi o mais importante fator de geração de riqueza do Amazonas, no período de 1890-1910. A partir de sua descoberta como matéria-prima, começou a figurar como referência pelas suas diferentes formas, adquiridas graças a coagulação do leite/látex de uma árvore seringueira. Podemos somar a isso, o advento da indústria automobilística, que ocasiona, de uma vez por todas, o aumento da demanda europeia pelo produto (matéria-prima básica para a fabricação de pneus). Com seringais que, isoladamente, produziam quase a totalidade de borracha do mundo, a Amazônia passou a assumir a posição de detentora da produção do produto.

A representação da ‘natureza exuberante’ e do ‘outro exótico’ nas imagens de Frisch

A seguir, está compreendida a análise das imagens de Frisch em que buscamos realizar uma leitura crítica de que Amazônia tratava esse fotógrafo e refletir sobre que possíveis sentidos são ofertados por sua obra. A coleta de dados se deu em janeiro de 2023. As imagens, originalmente de suporte de papel-cartão, foram encontradas na consulta do acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional, maior biblioteca da América Latina com um acervo de 9 milhões de itens. A falta de acesso à coleção completa de 98 fotografias tiradas pelo alemão não nos permite abordar por completo o imaginário repercutido pela obra de Frisch. Contudo, através de uma seleção de cinco fotografias disponibilizadas no acervo online da Biblioteca Nacional pudemos obter pistas de como o imaginário social acerca da Amazônia começou a ser moldado a partir frutos tecnológicos obtidos por equipamento fotográfico de Frisch nesta primeira expedição *in loco* na região. Para Silva (2006), as tecnologias da comunicação (como a fotografia, o rádio, a televisão, o cinema, etc) estimulam a criação de imaginários ao ponto que atuam na formação de concepções, na cristalização ideias, na circulação de juízo de valores coletivos.

Por conseguinte, para análise do material, adotamos a análise iconográfica e interpretação iconológica das imagens tendo como base a metodologia de Kossoy (2002). Importa atentar, que na análise iconográfica buscamos decodificar as informações explícitas no documento fotográfico, seus elementos constitutivos como detalhes icônicos que compõem seu conteúdo. Já na interpretação iconológica buscamos resgatar traços dos significados não explícitos diretamente.

Nesse contexto, as duas primeiras fotografias selecionadas tratam da flora amazônica. O que chama a atenção foi o cuidado em que Frisch dedicou para as minuciosas legendas que dedicou às espécies botânicas da região, com comentários com os benefícios e/ou efeitos de cada exemplar. Na primeira imagem (figura 1) temos, em enquadramento central, o açazeiro ou palmeira de açai que produz o açai, fruto nativo de cor roxa ou preta que nasce em cachos e que é muito conhecido por ser muito nutritivo e principalmente, muito rico em ferro. Frisch descreve em legenda: *le Palmier Assai (Euterpe oleracea, Mart.), donnant une boisson très-rafraîchissante*, ou seja, a palmeira de açai (*Euterpe oleracea, Mart.*), dando uma bebida muito refrescante.

Figura 1: Christoph Albert Frisch.
Palmeira de Açai.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2023)

Figura 2: Christoph Albert Frisch.
Urucurana.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2023)

Já na segunda imagem (figura 2) vemos a árvore de Urucurana ou também Sangra D'água, esse último nome devido ao látex de cor vermelha que é retirado de sua casca após um corte e que é usado para tratamento de feridas na pele. No caso da Urucurana, notamos que houve uma atenção especial dada ao enquadramento dessa árvore de médio porte, que aparece da base até a última folha, por completo. Vemos também ao fundo da imagem o rio em sua extensa magnitude, o que nos dá pistas da opulência da natureza na região e do local em que costumeiramente esse tipo de espécie se encontra, perto dos cursos d'água.

O interessante é que ambas as imagens apelam às singularidades dos frutos amazônicos, sua exuberância natural. Nesse sentido, não deixamos de avaliar que Frisch (o enunciador) não deixou de legendar as fotografias de forma que lhe fosse conveniente, contemplando características positivas da flora, com aspectos que chamariam a atenção de um europeu que não pudesse conhecer a Amazônia pessoalmente, apenas através de suas imagens. A partir de meados do século XIX, conforme Mânica Millen nos relata:

Os registros visuais feitos pelas missões artísticas e científicas estrangeiras que passavam pelo Brasil ecoavam de forma intensa na Europa, ávida por conhecer um pouco mais sobre aquela grande extensão de terra exuberante, habitada por povos indígenas e animais exóticos. Nesse contexto, nada melhor do que uma expedição à (quase) intocada Amazônia para abastecer a curiosidade dos europeus e, mais fantástico ainda, com registros fotográficos (MILLEN, 2019, p. 1).

Isso significa que ainda que arauto no retrato *in loco* da Amazônia brasileira, Frisch também fazia parte de um grupo de navegadores e fotógrafos que, desde o primeiro olhar para as terras daqui, escolhiam enfoques e personagens específicos para retratar. Nesse contexto, destacamos que para além da imagem nua, como testemunho, nesta época era comum se buscar a formação de fotografias que no mercado de fora, pudessem ser cobiçadas, que causassem sentidos orientados ao consumo de um olhar externo, do colonizador. Convém lembrar que as dificuldades enfrentadas por fotógrafos “de fora”⁴ da Amazônia ao representá-la vão por vezes além das dificuldades técnicas, chegando também às culturais, nas concepções e (pre)concepções de olhar. “Os modos como são utilizadas e associadas a grupos e interesses em um certo momento histórico podem reafirmar processos socioeconômicos, políticos e culturais, determinados por outras

⁴ Christoph Albert Frisch nasceu em Augsburg, na Baviera, na região sul da Alemanha, em 31 de maio de 1840. Permaneceu na Europa durante toda sua infância, adolescência e parte da fase adulta saindo apenas em 1861, aos seus vinte e um anos.

circunstâncias, ou indicar um porvir (BECKER, 2022, p.26) – essa frase, de Beatriz Becker (2022), nos parece fornecer chave reflexiva para pensar essa leitura das imagens e percepção dos mecanismos envolvidos no olhar do fotógrafo e sua contextualização a partir do seu mundo vivido.

Figura 3: Christoph Albert Frisch. Maloca dos índios Ticuna nos arredores de Manaus, com o cacique e sua filha.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2023).

O que dizer, então, da imagem dos índios e cozinha da maloca (figura 3)? Nessa fotografia há, em enquadramento central, o cacique e sua filha em frente à entrada dessa típica ‘cabana’ comunitária, em semblante de receio e desconforto, transitando para um ideário do outro exótico distante. Na legenda, lemos *‘la cuisine de la malocca : qui se trouve toujours à une petite distance de l’habitation’*, isto é, ‘a cozinha da maloca: que fica sempre a pouca distância da casa’. O fato de Frisch inaugurar as primeiras representações em fotografia *in loco* dos índios da Amazônia brasileira produziu, nesse momento e contexto histórico, um modelo emergente de representação das diferenças (HALL, 2016).

Algo que chama a atenção o é que essa fotografia, apesar de ter sido tirada no século 19, mostra um modelo de construção imagética que perdura até hoje em alguns registros etnográficos e jornalísticos, um modelo que aciona ao imaginário a ideia de um

indígena selvagem, um outro diferente do civilizado. Nos explica Stuart Hall em seu livro ‘Cultura e representação’ que a esteotipagem é uma prática de produção de significados, contudo, uma representação que se foca no outro díspare:

A esteriotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o perverso, o normal e o patológico, o aceitável e o inaceitável, o pertencente e o que não pertence ou é o outro, entre pessoas de dentro (insiders) e forasteiros (outsiders), entre nós e eles. (HALL, 2016, p.192).

Nesse contexto, fica nítido nas fotografias de Frisch que há um (des)alteridade no contato com o outro – no caso, o índio – que levou a construção de imagens estereotipadas que se fincaram no imaginário social e coletivo desde esse período histórico. Foi reconhecendo que é a existência de um imaginário que possibilita a produção de imagens (sejam elas fotográficas, cinematográficas, televisuais, pictóricas, etc), que pudemos constatar que as tecnologias da comunicação são resultado de estímulos imaginais

Figura 4: Christoph Albert Frisch. Pirarucu.

Figura 5: Christoph Albert Frisch. Jacaré.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2023)

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2023)

As duas últimas imagens selecionadas são registros da fauna amazônica com os retratos do pirarucu (figura 4) e jacaré (figura 5). Convém mencionar que o pirarucu é o nome dado a um dos maiores peixes de água doce do Brasil, que, por sua vez, pode ser frequentemente encontrado nos rios da Amazônia. Algo que chama a atenção nessas

fotografias são o viés naturalista apresentado que, ao mesmo tempo, que se dedica ao testemunho e retrato “fiel” da realidade, não deixa de visar além do apresenta em um primeiro olhar. Essas imagens do pirarucu e jacaré deixam evidente o processo de aniquilamento desses animais para a possibilidade de captura das fotos, uma vez que com as condições do equipamento fotográfico no século 19, seria impossível realizar estes retratos com esses espécimes vivos.

Considerações finais

Quanto prestamos atenção no imaginário acerca da Amazônia no antepenúltimo século, percebemos que ele deve muito as imagens de Christoph Albert Frisch, uma vez que foram veículos imprescindíveis para a cristalização de construções mentais sociais, históricas e coletivas acerca da região. Com mais de 150 anos de diferença dessa expedição de Frisch pelo rio Negro, rio Amazonas e Solimões até os dias atuais, concluo também que esse imaginário estereotipado, ainda pode ser encontrado em narrativas de autores estudados hoje. Toda vez que um estudo aborda o ‘outro exótico’, a ‘natureza exuberante’, a riqueza natural da terra amazônica, ele está fazendo alusão a este imaginário que está no cerne das primeiras imagens feitas *in loco* da Amazônia brasileira.

Nesse sentido, entendemos que foi importante refletir sobre como a Amazônia foi retratada nas narrativas imagéticas de Frisch no sentido de, como resultado, termos a aceção de que pode nos apontar pistas para imaginários a porvir em distintos contextos históricos, geoeconômicos e socioculturais em representações futuras, principalmente as propagadas pela. Por fim, concluímos que o desafio para a compreensão de um imaginário midiático futuro da Amazônia passa pela compreensão do seu processo histórico e dos interesses políticos e econômicos que perpassaram sua instrumentalização em busca do poder.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. *Ser ou Não Ser Natural, Eis a Questão dos clichês de Emoção na Tradução Audiovisual*. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Língua Inglesa, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2000.

BATES, Henry. *O naturalista do rio Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

BECKER, Beatriz. *A construção audiovisual da realidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2022.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo e Imaginário: a construção audiovisual da realidade do Brasil e do mundo nos 70 anos da TV brasileira. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; Pereira, A. (orgs). *Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas*. Florianópolis: Insular, 2020.

BECKER, Bertha. *A urbe amazônida: a floresta e a cidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. Manaus: Valer, 2009.

CASTRO, Fábio de. Amazonas deixa Nilo para trás. In: *Agência FAPESP*, 2008, online. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/amazonas-deixa-nilo-para-tras/9070/> Acesso em 8 jan. 2023.

COSTA, Selda. O cinema na Amazônia. In: *História, ciências, saúde*. Pará: suplemento, 2000.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Valer, 2007.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LOPES, Rafael de Figueiredo. Imaginários sociais, representações midiáticas e jornalismo na Amazônia. In: *PENSATA*, v.7, n.1, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/3943>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MILLEN, Mânia, Por dentro dos acervos Frisch e as primeiras impressões da Amazônia. In: *Site Instituto Moreira Salles*, 2019. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/frisch-e-as-primeiras-impressoes-da-amazonia-manya-millen/>. Acesso em: 8 jan. 2023.

SILVA, Juremir Machado. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2022.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX*. São Paulo: Metalivros, 2000.